



SEÇÃO: EDITORIAL

## A heterocientificidade dialético-dialógica do Círculo bakhtiniano

*The dialectical-dialogical heteroscientificity of the Bakhtinian Circle*

*La heterocientificidad dialéctico-dialógica del Círculo de Bajtin*

**Luciane de Paula<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-1727-0376](https://orcid.org/0000-0003-1727-0376)

[lucianedepaula1@gmail.com](mailto:lucianedepaula1@gmail.com)

*"No processo da comunicação dialógica com o objeto,*

*este se transforma em sujeito (o outro eu)".*

*(Mikhail Bakhtin)*

**Glória Di Fanti<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-5399-5377](https://orcid.org/0000-0002-5399-5377)

[gloria.difanti@pucrs.br](mailto:gloria.difanti@pucrs.br)

**Luciano Ponzio<sup>3</sup>**

[orcid.org/0000-0001-9405-7742](https://orcid.org/0000-0001-9405-7742)

[luciano.ponzio@unisalento.it](mailto:luciano.ponzio@unisalento.it)

**Cristiano Paschoal<sup>2</sup>**

[orcid.org/0000-0002-1638-4120](https://orcid.org/0000-0002-1638-4120)

[cristiano.paschoal@edu.pucrs.br](mailto:cristiano.paschoal@edu.pucrs.br)

**Recebido em:** 24 mar. 2022.

**Aprovado em:** 24 mar. 2022.

**Publicado em:** 20 abr. 2022.

As perguntas norteadoras das reflexões que culminaram na proposta deste número temático nos levaram a pensar sobre a proposição filosófica de uma heterociência, preconizada por uma metodologia dialético-dialógica, como marca dos estudos bakhtinianos. Porém, mais do que compreender historiograficamente a constituição desse pensamento, como diversos autores-pesquisadores têm se debruçado à temática, permanecemos com as questões que nos motivaram, a fim de refletir sobre esse pensamento epistemológico hoje, por volta de 100 anos depois da movimentação do encontro dos membros do Círculo, tendo como foco um outro tempo-espaco – no caso, o Brasil do século XXI. Ancorados nas reflexões sobre a maneira como a proposta dialógica do, conhecido como, Círculo de Bakhtin (BACHTIN E IL SUO CIRCOLO, 2014) se encontra viva na contemporaneidade e nas contribuições dessa perspectiva na configuração vivida hoje, organizamos o dossiê *Estudos Bakhtinianos Contemporâneos* (v. 14, n. suplementar, 2021) da revista *Letrônica* em parceria com a *Letras de Hoje* (v. 56, n. 3, 2021) (DI FANTI; PAULA; PONZIO, 2021).

Ao propor uma heterociência, o Círculo não abre mão do rigor científico tampouco deixa de lado caminhos metodológicos. A construção de uma ciência outra, ao contrário, não significa ter falta de método, mas sim ter um outro/novo olhar para o fazer científico, que, calcado em princípios



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Assis – SP, São Paulo, SP, Brasil.

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>3</sup> Università del Salento, Lecce, Itália.

filosóficos, considera, como foco, a constituição social da língua(gem),<sup>4</sup> em uso/ato, por sujeitos, circunscritos em um determinado tempo-espaço (cronotopo) (BAKHTIN, 2018).

Desde os seus gestos teórico-filosóficos iniciais, o Círculo bakhtiniano<sup>5</sup> sugere um olhar para além dos fenômenos escritos da linguagem. À época, na esteira investigativa dos estudos linguísticos, observava-se um protagonismo da corrente estruturalista francesa, cuja premissa norteadora era a distinção entre língua e linguagem, mobilizando a última para as proposições do campo da Semiótica. Conforme Ferdinand de Saussure, voz expoente da linguística estrutural,

nos domínios limitrofes de nossa ciência, se depreende um ensinamento inteiramente negativo, mas tanto mais interessante quanto concorda com a ideia fundamental deste curso: a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma (SAUSSURE, 2012, p. 271).<sup>6</sup>

Sendo assim, sob a ótica estruturalista, os empreendimentos investigativos da Linguística deveriam centralizar seu olhar para a manifestação da dimensão verbal, alijando de suas observações as demais dimensões configuradas por meio da linguagem. Na contracorrente desse movimento, a ótica bakhtiniana propõe a sua translinguística (BAKHTIN, 2010a) que, como a própria denominação indicia, ultrapassa os limites investigativos verbais da linguística do sistema.<sup>7</sup> esse modo, o perscrutar bakhtiniano abarca as

inúmeras formas de semantização da vida concreta, permitindo, aos(às) investigadores(as) que a ele se vinculam, a possibilidade de observar distintas materialidades semióticas. Como explanam Paula e Luciano (2021, p. 210), os integrantes do Círculo deslocam o foco de seus estudos para o enunciado, entendido como unidade concreta da linguagem e assumem, como assevera Volóchinov (2017), a perspectiva propositiva de uma ciência diferente, focada na alteridade, não totalmente distinta da existente e em voga (uma vez que não despreza os elementos imanentes do sistema nem o "subjetivismo" constitutivo do ato de linguagem), mas também não identificada com ela (já que não meramente objetiva, pois abstrata; tampouco puramente subjetiva, porque isso incorre em idealismo individualista). Desse ponto de vista, o musicólogo Volóchinov denomina a proposição do Círculo como "heterociência", calcada na heterogeneidade e no plurilinguismo característicos da língua(gem).

Como percurso de construção dessa ciência outra, além de deslocar o centro nevrálgico da filosofia do Círculo, da linguagem para o enunciado, da identidade (eu) para a alteridade (outro), e trazer aos estudos da linguagem a historicidade (situacionalidade enunciativa), o ser (na relação eu-outro que constitui os sujeitos) e a ideologia (como constitutiva do signo), não mais como "referente extralinguístico", mas sim como elemento constitutivo da língua(gem), o método fundante elaborado pelos pensadores se calca no mate-

<sup>4</sup> O uso desse neologismo marca a abrangência da noção de linguagem, que contém, nela, a concepção de língua, como já explicitado por vários autores. Para nos centrarmos no Círculo, Bakhtin (2011) utiliza a expressão "linguagem das linguagens" – sobre essa questão, ler Paula e Luciano (2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2021b) – para pensar sobre a potencialidade humana, assim como Volóchinov (2017) desenvolve a noção da "consciência cognoscível" ao dizer que o signo é constituído por referente acústico e referente do mundo para a apreensão de um conceito, o que já estava em Saussure (2006), com a diferença de que a valorização, o ser e a história também constituem a linguagem e que esta, potencialmente, abarca "todas as linguagens", como está em Bakhtin. Assim, na tentativa de manter o jogo polissêmico, utilizamos o signo língua(gem) ao considerarmos, também, a indistinção entre termos para língua e para linguagem em outras línguas e culturas, como "jazik", em russo; "language", em inglês; e "Sprache", em alemão.

<sup>5</sup> Apesar de sabermos sobre as peculiaridades autorais e respeitarmos as singularidades epistemológicas da abordagem de cada integrante do Círculo, assumimos a proposta bakhtiniana como coletiva, mesmo nos escritos produzidos depois das reuniões em Vitebsk (que se circunscreveram entre os anos de 1920 e 1924) a partir dos anos 1930. Por isso, em alguns momentos, tratamos da filosofia bakhtiniana sem distinção de nomes e, em outros, identificamos autores e obras, a fim de demonstrar onde e como o que temos explanado se apresenta pelos pensadores.

<sup>6</sup> Esta citação foi extraída do *Curso de Linguística Geral* (CLG) cuja autoria é atribuída a Ferdinand de Saussure. Entretanto, salienta-se que a obra não foi escrita pelo linguista suíço. Trata-se de uma compilação das anotações feitas por Charles Bally, Albert Sechechaye e Albert Riedlinger, durante os cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra.

<sup>7</sup> Entendemos aqui a linguística taxonômica de origem saussuriana, a qual podemos definir verbocêntrica, pelo menos se levarmos em conta o que foi inicialmente relatado, transcrito e organizado por Bally e Sechechaye no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2006).

rialismo histórico-dialético marxista<sup>8</sup> e instaura, fundado nessas bases, seu método propositivo dialético-dialógico – como o têm denominado, por exemplo, Paula L., Figueiredo e Paula S. (2011).

Antes de adentrarmos nessa seara metodológica, ressaltamos que o diálogo é entendido pelo Círculo, como defendemos em "A proposta dialógica do Círculo bakhtiniano" (DI FANTI; PAULA; PONZIO, 2021), o centro nevrálgico de sua filosofia da linguagem, caracterizado por suas singularidades (elencamos seis): a constituição dialógica do pensamento do grupo; a constituição dialógica do enunciado, do discurso; o diálogo constitutivo entre os sujeitos; a responsividade que integra a responsabilidade (síncrese de responsividade e responsabilidade); o inacabamento do sujeito e do enunciado; e, por fim, o dialogismo como elemento central propositivo de uma heterociência.

De acordo com Paula e Luciano (2021, p. 211-212), a proposta filosófica do Círculo se funda, dentre outras questões, na ambivalência de superação do materialismo histórico-dialético marxista, em voga na Rússia dos anos 1920 e 1930, o que aparece, conforme salienta Brandist (2002), de maneira mais enfática, nos trabalhos de Bukhárin (um dos principais nomes do Partido Comunista Soviético). Para Brandist (2002), Bukhárin conceitua ideologia como um sistema de formas, pensamentos e regras, o que converge com a concepção de cultura neokantista (especialmente se pensarmos em Cassirer). Ao assumir a dialética-dialógica como proposta heterocientífica voltada à linguagem, o Círculo articula a noção de cultura formulada pelo neokantismo com o conceito de ideologia engendrado pelo materialismo histórico.

Nesse sentido, a perspectiva sociológica da linguagem defendida pelo Círculo, inspirada em Bukhárin, coloca em movimento elementos do marxismo (como infra e superestrutura, ideologia e luta de classes, por exemplo) e do neokantismo

(como a questão das formas simbólicas, o reflexo e a refração, a noção de cultura, por exemplo). Por conseguinte, a proposição bakhtiniana, aliçada nas noções relacionais de alteridade e ato humano, desloca o foco dos estudos sobre matizes sociais, propondo uma metodologia dialético-dialógica cuja essência é lançar uma concepção do fazer científico que ultrapassa as arestas do positivismo.

A proposta de um olhar científico diferente, de outro lugar (sociológico, filosófico e cultural), para a linguagem apresentada, especialmente, por Volóchinov (2017) e Medviédev (2012), resulta do embate crítico com, por um lado, o "objetivismo abstrato", notadamente representado pelos estudos de Saussure e Humboldt e, por outro, o "subjetivismo individualista", idealizado pelo formalismo russo. Além disso, em resposta a um projeto nacional de língua preconizado por Stálin, Volóchinov, no esteio dos estudos sobre a "fala dialogal", de Jakubinskij (2015), desenvolveu seu pensamento sobre o que alguns estudiosos, como Brandist (2002, 2012), salientam representar uma sociolinguística russa, ao considerar o plurilinguismo essencial na proposta heterocientífica do Círculo – expresso em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017).

Podemos dizer, seguindo Volóchinov (2017), que a dialética nasceu do diálogo socrático para retornar ao diálogo em um outro nível de maneira incessante, dialeticamente, pois, mais que pensar sobre o mundo, o ser vive/age no mundo (daí, a importância do ato ético, responsável e responsivo, como abordado por Bakhtin em *Para uma filosofia do ato responsável* (2010b). Afinal, o ser participa do mundo ao mesmo tempo que reflete sobre esse acontecimento, de maneira processual.

Nesse sentido, faz-se necessário retomarmos, sumariamente, a principal diferença entre a dialética idealista proposta por Hegel, em *Fenomenologia do espírito* (2014), e as proposições

<sup>8</sup> Ainda que diversos autores assumam o marxismo como fonte reflexiva de Volóchinov e de Medviédev e contestem a filiação de Bakhtin, referimo-nos, aqui, à base epistemológica da filosofia bakhtiniana e consideramos que ela se sustenta no materialismo histórico-dialético, criticando, como explicamos no corpo do texto, o idealismo hegeliano e, por isso mesmo, encarando-a, como Marx, a partir da infraestrutura, no solo social concreto enunciativo e sem encerramento, mas sim em contínuo movimento dialógico. Daí, o binômio para caracterizar o método bakhtiniano que embasa sua heterociência.

teórico-metodológicas postuladas pelo materialismo histórico de Marx e a filosofia da linguagem bakhtiniana. Conforme analisa o filósofo brasileiro Leandro Konder (2008, p. 26),

Hegel subordinava os movimentos da realidade material à lógica de um princípio que ele chamava de Ideia Absoluta; como essa Ideia Absoluta era um princípio inevitavelmente nebuloso, os movimentos da realidade material eram, frequentemente, descritos pelo filósofo de maneira bastante vaga.

Contraopondo-se a esse olhar idealista hegeliano lançado à realidade, Marx, por conceber o sujeito como uma entidade histórica capaz de transformar a sua realidade material, mobiliza o pensamento dialético para a concretude sistêmica. Comungada a isso, tem-se a proposta bakhtiniana, que considera o movimento dialético inacabado, mas com acabamento específico (a depender da configuração enunciativa situada e do projeto de dizer autoral), de maneira incessante, dialógica, responsiva, como elo entre sujeitos, enunciados e tempo-espacos.

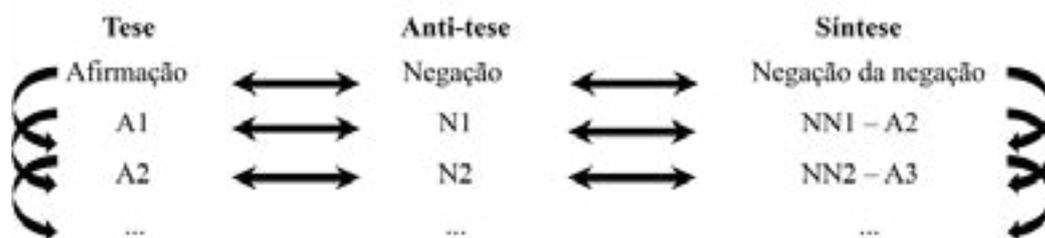
Desse ponto de vista, podemos entender que, para o Círculo, o pensamento é dialético-dialógico porque ele considera o movimento dialético (com todos os seus elementos: tese, anti-tese e síntese) de forma material/concreta e não admite a síntese como superação que encerra o diálogo. A síntese, pelo contrário, incute a sua continuação, uma vez que modifica aparentes

extremos (dicotômicos), ao considerá-los e movimentá-los (a negação da negação é vista como nova afirmação, não totalmente distinta, mas também não homônima às demais).<sup>9</sup>

A não superação dialética, desse modo, diz respeito à tensividade constitutiva do enunciado, do discurso, ou seja, sempre haverá (em nuances distintas) axiologias diversas no processo de discursivização. As verdades, os pontos de vista, as visões de mundo... são relativizados, uma vez que se modificam nos tensos embates do ato da interação viva. Daí pensarmos, como afirma Volóchinov (2017, p. 140), no discurso como arena/palco: "toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais". Ou ainda, "a palavra torna-se uma arena para a luta de classes, um palco para a disputa de opiniões e interesses de classe diversamente orientados" (VOLÓCHINOV, 2019b, p. 317). Como podemos perceber, todas as noções do Círculo giram em torno da concepção filosófica de diálogo, seu método filosófico materialista histórico-dialético: a poética sociológica proposta como heterociência, focada no plurilinguismo discursivo.

Esse movimento pode ser representado visualmente pelo Gráfico 1.

Gráfico 1 – Representação do movimento dialético-dialógico



Fonte: Os autores (2021).

<sup>9</sup> De acordo com a teoria marxista, o comunismo seria a própria síntese, o que comprova que a contradição não termina. Da mesma forma, a dialética marxista é considerada a superação da dialética de Hegel e de Feuerbach, o que também não significa o fim, mas sim um movimento expansivo que pressupõe modificações, contradições e múltiplos diálogos. Nessa perspectiva, Volóchinov (2017, p. 140) observa que há uma "síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre o interior e o exterior [que] se realiza sempre na palavra, em cada enunciado, por mais insignificante que seja".

O gráfico expressa o quanto a síntese desse movimento não encerra ou fecha o diálogo. Ela, ao contrário, é a responsável por instaurar a sua continuidade, em um outro nível. Se, em uma primeira afirmação, o sujeito "eu" defende uma tese X em embate com o "outro", que defende uma anti-tese, dado o posicionamento oposto, que nega o primeiro, a interação entre eles não leva a uma conclusão, mas sim a uma alteração mútua sintética, que instaura a continuidade do diálogo, seja entre eles, seja entre outros sujeitos, do mesmo ou de outro tempo-espço, sempre por meio de seus enunciados, de maneira concreta, como ato de existência no mundo.

Em outras palavras, para o Círculo, não se trata de negar os aspectos da dialética marxista, mas de ampliá-los pelo viés do dialogismo. Os estudiosos fazem isso em sua proposição de heterociência por meio da integração dos sujeitos, ao concebê-los na e pela linguagem, como reflexo e refração discursivas, de acordo com as forças centrípetas e centrífugas do discurso, na relação interior (consciência cognoscível, logo, semiótica) e exterior (manifestação material do pensamento) na interação com o outro, "o homem ao espelho" (BAKHTIN, 2019, p. 51). Afinal, como afirma Augusto Ponzio (2008, p. 233),

A contribuição do Círculo à dialética materialista consiste em ter explicitado que o caráter fundamental da materialidade é a alteridade. Portanto, a dialética se apresenta na dialógica porque nela o diálogo não é uma característica exterior ao discurso, mas sua estrutura.

Desse modo, sob a ótica bakhtiniana, um discurso se caracteriza na relação com outro(s), pelo que é/tem e pelo que não é/não tem – inclusive genericamente (BAKHTIN, 2016). Por meio do movimento dialético-dialógico, os elos e as singularidades enunciativas e valorativas se expressam. Isto é, conforme Volóchinov (2012, p. 86), nesse jogo interativo

laços sociais mais amplos, longos e sólidos, em cuja dinâmica se elaboram todos os elementos do conteúdo e as formas de nosso discurso interior e exterior, todo o acervo de avaliações, pontos de vista, enfoque, etc., através dos quais lançamos luz, para nós mesmos e

para os outros, sobre os nossos atos, desejos, sentimentos e sensações.

Daí, a relevância do cotejo como elemento investigativo metodológico, pois, conforme salienta Geraldi (2012, p. 29), faz emergir "mais vozes do que aquelas que são evidentes na superfície discursiva". Consequentemente, cotejar, na perspectiva do Círculo, implica, pois, analisar materialidades discursivas tendo como pressuposto o caráter dialógico da linguagem, em suas múltiplas tensões axiológicas, conformadas por sujeitos que, sendo centro de valores, atuam singularmente na vida sociocultural.

Esse procedimento responde àqueles que insistem em afirmar que o Círculo de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev não têm método nem metodologia. Pelo que temos demonstrado, há uma proposta filosófica na qual o cerne revela uma preocupação, explicitada e discutida, que culmina, também, em uma proposição metodológica de estudo da linguagem. Não as mesmas metodologias criticadas pelos estudiosos (reiteramos: o "objetivismo abstrato" e o "subjetivismo individualista"), mas uma heterociência, que parte do linguístico ao translinguístico/metalinguístico, com foco no movimento dialético-dialógico, abarcando a linguagem em seu potencial (BAKHTIN, 2011) e sua materialização, interna e externa, verbal, vocal/sonora, visual ou em síncrese entre essas manifestações, no pequeno e no grande tempo da cultura.

A construção de uma heterociência não dispensa o rigor. Pelo contrário, apenas critica a rigidez da imanência por si mesma, deslocada da comunicação viva e calcada tão somente na estrutura dos níveis da língua – como Volóchinov (2017) e Medviédev (2012) fazem ao discutirem sobre o "objetivismo abstrato" –, assim como não admite impressionismos ou superinterpretações, sem foco na materialidade, em sua construção histórica (como os autores também debatem ao tratarem do "subjetivismo individualista"). Trata-se de um olhar para o fazer científico que considera o ativismo dialógico do sujeito pesquisador, uma vez que,

Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode se tornar mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico* (BAKHTIN, 2017b, p. 66, grifo do autor).

Dessa forma, a dimensão cognoscível do sujeito da pesquisa torna-se parte constitutiva do objeto, revelando-nos que os atos de interpretação e de avaliação se imbricam, transformando-se em um todo investigativo integral (BAKHTIN, 2017c, p. 36). Conseqüentemente, como sugere Di Fanti (2020, p.11), baseando-se em Bakhtin (2010b), o todo dialético-dialógico da heterociência bakhtiniana reclama um olhar para o pensamento enquanto ato ético que, por sua vez,

forma um todo integral – pois inclui o geral e a historicidade concreta individual (tempo, espaço, condições etc.) – que é valorado como ato responsivo e responsável. Por isso, o *eu* (sempre na interação com o *outro*), que é responsável pelo ato de pensar, não pode encontrar a si mesmo em um juízo de validade universal, uma vez que o juízo teoricamente válido é impenetrável pela atividade individual e responsável (DI FANTI, 2020, p. 11, grifo da autora).

Ademais, a proposta do Círculo, alicerçando-se em alguns princípios do materialismo histórico-dialético, reacentua concepções e direções epistemológicas, sem abrir mão dos procedimentos analíticos internos, típicos da língua(gem). Por isso, demanda critérios de seleção (temático, temporal, espacial, genérico, quantitativo, sociocultural, entre outros, claro, a depender do objetivo) do objeto/*corpus* a ser pesquisado e do cotejamento a ser realizado, a fim de construir o universo investigativo a que se propõe o/a pesquisador/a.

A fundamentação teórica é suscitada pelo objeto de pesquisa delimitado, de acordo com o olhar do(a) pesquisador(a), tendo em vista a finalidade da pesquisa para, de fato, ancorar a análise a ser realizada e não o oposto (não partimos de concepções pré-estabelecidas em busca de objetos de análise que sirvam de exemplos para que determinada afirmação seja confirmada – isso

seria um engodo científico). Sendo o objeto de estudo das ciências humanas “o ser expressivo e falante” (BAKHTIN, 2017b, p. 59), cabe ao(à) pesquisador(a) com ele travar um diálogo de modo a provocar respostas teórico-metodológicas para os problemas instaurados. No bojo das ciências humanas, está, portanto, o discurso, e “cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites” (BAKHTIN, 2017b, p. 66), de modo que sempre se considere a historicidade e a índole dialógica que correlaciona diferentes discursos.

Esse foi o caminho filosófico e metodológico percorrido por Bakhtin, que nos mostrou, de maneira prática (no ato), esse movimento, tanto em seu estudo sobre Dostoiévski (2010a) quanto sobre Rabelais (1988), por exemplo. O objetivo, na primeira obra, era analisar a poética de Dostoiévski, especificamente, a poética romanesca. Para isso, cotejou os romances do autor com outras produções suas – como contos, por exemplo; com outras obras, de outros autores, como Tolstói, entre outros. A partir da definição do objeto e do objetivo é que o estudioso formulou sua tese sobre a polifonia em diálogo com a monologia. Na segunda obra, o objetivo era analisar o contexto da produção de Rabelais para pensar a relevância da história e da cultura e, a partir disso, desenvolveu sua discussão teórica sobre carnava(l)ização e cronotopia. A elaboração desses dois estudos desenvolveu-se por muitos anos, sendo parte concomitante e dialogada. Em outras palavras, como explicita Volóchinov (2017), o caminho percorrido nas reflexões sobre Dostoiévski e Rabelais demonstra o que o Círculo denomina como “método sociológico” (VOLÓCHINOV, 2019a), pois parte do linguístico para o translinguístico.

Nessas pesquisas, a filosofia ocupa um lugar central, que, conforme Bakhtin (2017b, p. 66), “começa onde termina a cientificidade exata e começa a heterocientificidade”. Na esteira desse percurso, trilhamos, atualmente, nossos empreendimentos investigativos em outras contextualizações (histórica, política, sociocultural etc.), com uma pluralidade e uma peculiaridade que nos singulariza, no Brasil, na contemporaneida-

de, em estudos linguístico-discursivos, focados em objetos variados e proposições polivalentes.

Tendo como mote a heterociência proposta pelo Círculo, há quem se preocupe em revelar sua produção ainda inédita; há quem se volte às recepções das obras; há quem se foque nas traduções; há quem coloque as traduções e os fazeres científicos de diversas culturas em diálogo, sem se esquecer das peculiaridades de cada sociedade, com seu olhar sobre e com as obras; há quem, a partir de sua área de atuação e do conhecimento, se centre em um viés das proposições, tão amplas e complexas, do Círculo; há quem se preocupe com a configuração de discursos sequer existentes na época de produção dos estudiosos (como os enunciados das redes sociais, por exemplo); há quem pense em acepções educacionais a partir da filosofia dialético-dialógica; entre tantas outras maneiras de se pensar e fazer ciência, produzir conhecimento reflexivo e, como o Círculo, (trans)formar o ser humano e o mundo pela linguagem.

Cada um desses e de outros fazeres científicos são relevantes e essenciais. Não há um que deva ser mais ou menos valorizado ou relegado à sombra. A pluralidade de saberes e fazeres compõe a seara dessa heterociência e, com esse olhar, organizamos este número especial da revista *Letrônica*, que se encontra constituída por 14 artigos e 1 resenha. A disposição dos textos se configurou a partir do critério teórico-temático. Dessa forma, os artigos estão disponibilizados por eixos temáticos, sendo que o primeiro de cada tema apresenta caráter de cunho teórico-epistemológico. Alicerçados nesse critério, faz-se necessário salientar que nossa escolha configurativa dos textos não considerou aspectos como gênero, etnia, localização geográfica ou experiência dos(as) autores(as), uma vez que cada voz aqui ecoada possui a sua singularidade e importância. Por conseguinte, visamos ao entrecruzamento de olhares, ao encontro com o outro (PONZIO, A., 2012), haja vista que as vozes autorais aqui contempladas "não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade aberta, mas elas se enrique-

cem mutuamente" (BAKHTIN, 2017a, p.19). Sendo assim, acreditamos estar em conformidade com o espírito centrífugo bakhtiniano, que requer diálogo e convoca a todos para a diversidade de acentuações axiológicas da arte, da vida e da teoria.

O primeiro artigo, "Dialogo e polifonia in Dostoevskij e Bachtin", de Augusto Ponzio, revisita a primeira edição do *Dostoiévski* de Bakhtin, tendo como objetivo central a elucidação teórica do "diálogo" e da "polifonia", dois conceitos nodais da esteira filosófica bakhtiniana. Na sequência, Gilmar Montargil e Maria de Lourdes Rossi Remenche, em "Polifonia queer nos roleplays de LuCroft: uma análise dialógica do discurso de Maria Vaquejada em Red Dead Redemption", buscam analisar o dialogismo constitutivo da identidade da personagem Maria Vaquejada, tendo como ponto de partida a hipótese de que a *streamer* LuCroft articula dois cronotopos na arquitetura de seu RP.

Em seguida, no artigo "Enunciazione non iterabile e interrelazione tra scrittura e immagini del mondo. La parola in dialogo tra segni e altri sguardi: Bachtin, Barthes, Jakobson, Derrida...", Luciano Ponzio enfatiza como o Círculo bakhtiniano – considerado hoje na origem da semiótica soviética/russa – mostrou que é o texto artístico que oferece a oportunidade de melhor compreender a estrutura dialógica da enunciação. Posteriormente, Eduardo da Silva Moll e Maria da Glória Corrêa di Fanti, em "O encontro de subjetividades no enunciado: apontamentos sobre alteridade e linguagem nos escritos do Círculo de Bakhtin", investigam relações entre a alteridade e a linguagem, manifestadas nos enunciados concretos postos em (dis) cursos por meio dos atos ético-estéticos da vida humana. No artigo intitulado "Relações entre o sujeito kantiano e o bakhtiniano: proximidade e distanciamento", Sandra Mara Moraes Lima esboça o diálogo entre as filosofias kantiana e bakhtiniana, sublinhando que, apesar de ambas convergirem, Bakhtin e o Círculo transgrediram o sujeito transcendental elaborado por Kant, dando à natureza humana matizes sociológicos e fenomenológicos.

No artigo "O tempo do outro em perspectiva dialógica: horizontalidade vs. hierarquia socioeconômica no debate público-privado", Vanessa Barbosa, Yuri Santos e Paulo Delgado investigam um diálogo a respeito do entrave entre os âmbitos público-privado (Teatro Oficina) a partir do entrecruzamento da análise de textos orais, proposta pelo Projeto da Norma Urbana Linguística Culta, e a análise do discurso do Círculo de Bakhtin. Douglas Corrêa da Rosa e Alex Meneghete Vaz, por sua vez, em "Valoração e responsividade: uma análise dialógica de discursos polêmicos", analisam uma palestra publicada na plataforma on-line YouTube e os comentários nela proferidos, buscando evidenciar os efeitos da valoração e da responsividade incitados por enunciados polêmicos proferidos no contexto político de 2017.

Na subsequência, Susan Petrilli e Augusto Ponzio, em "L'accentuazione e la ri-accentuazione nella lingua, nella scrittura letteraria e nella traduzione", desenvolvem reflexões sobre os atos enunciativo-discursivos da entonação e da acentuação circunscritos no processo de tradução. Em "A estilística como prática de ensino de língua materna: embates entre as formas gramaticais e a vivacidade da língua criativa", Camila Caracelli Scherma e Valdemir Miotello, buscando compreender como a estilística pode contribuir no processo de (re)nascimento da individualidade linguística do estudante em resposta à hegemonia da impessoalidade da língua, cotejam as proposições de Mikhail Bakhtin a respeito da estilística no ensino da língua.

Ulteriormente, contemplando a seara da verbivocovisualidade, temos o artigo "A valoração dos tons de pele em 'Caras e Cores'", no qual as autoras Luciane de Paula, Tacicleide Dantas Vieira, Gabriella Cristina Vaz Camargo e Janáina Moreno Matias analisam o filme publicitário *Caras e Cores*, da Faber-Castell, perscrutando como a verbivocovisualidade contribui para a análise,

sobretudo, de discursos sincréticos, nos quais a tridimensionalidade se explicita na integralidade discursiva. Ademais, atreladas aos aspectos discursivos da verbivocovisualidade, Rosângela Alves dos Santos Bernardino, Ivaneide Gonçalves de Brito e Eliene Carvalho da Silva, com o objetivo de verificar como ocorre a construção de sentidos na charge, analisam, em "Construção de sentidos em enunciados verbivocovisuais: um olhar tridimensional para o gênero charge", o gênero em voga cuja natureza, segundo as investigadoras, é de inerência verbivocovisual.

No artigo "Interpretação simultânea de Libras para o Português: a entonação expressiva em uma perspectiva verbo-visual", Ricardo Ferreira Santos, tendo como categoria norteadora a entonação expressiva, analisa, sob a perspectiva dialógica verbo-visual, a sua presença na interpretação simultânea (IS) de Libras/Língua Portuguesa, na esfera conferência. Na sequência, em "A constituição do corpo pela alteridade bakhtiniana: de O Silmarillion de J. R. R. Tolkien às mulheres negras brasileiras", Alline Duarte Rufo, alicerçada nos conceitos de alteridade, corpo e realismo grotesco, investiga como determinados corpos são valorados de forma negativa na obra póstuma O Silmarillion, de J. R. R. Tolkien. Por fim, Cristiano Sandim Paschoal, em "O chicote do discurso: um olhar bakhtiniano para a institucionalização do racismo no Brasil contemporâneo", considerando os aspectos fenomênicos da palavra e da contrapalavra, analisa um projeto do dizer do até então presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, proferido no dia 30 de abril de 2020.

Além dos artigos mencionados, o presente número inclui uma resenha-artigo, assim designada devido a sua profundidade e extensão<sup>10</sup>, em que Neiva de Souza Boeno apresenta-nos, em seus pormenores, a obra *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*, organizada por Marisol Barenco de Mello, Mario Ramos Francisco

<sup>10</sup> O ato de designarmos uma materialidade enunciativo-discursiva por meio de um movimento de hibridização temático-funcional, revela o nosso alinhamento teórico aos preceitos dialético-dialógicos da heterociência bakhtiniana. Segundo Bakhtin (2016, p. 12-13), desde a tradição aristotélica, os gêneros do discurso foram limitados a partir de suas características funcionais, circunscritas na especificidade artístico-literária. Entretanto, conforme o filósofo russo, a natureza dos gêneros é relativamente estável, apresentando uma heterogeneidade que lhe é constitutiva. Desse modo, considerar uma materialidade enunciativo-discursiva como sendo uma resenha-artigo é, sobretudo, ir ao encontro da plasticidade teórica bakhtiniana, transcendendo os limites estruturais do olhar formalista lançado aos atos linguageiros.

e Júnior Alan Silus e publicada pela Pedro & João Editores em 2021. Intitulando sua resenha de "A língua da vida e a vida da língua na arquitetônica estética bakhtiniana", a pesquisadora e professora elucida, sobretudo, o cerne do olhar bakhtiniano acerca dos aspectos estéticos envolvidos em uma enunciação artística e estilística.

Visto que, sob a ótica bakhtiniana, arte, vida e teoria se imbricam, entendemos que o conjunto dos trabalhos aqui apresentados, em suas singularidades, descortinam as múltiplas configurações da dialética-dialógica inerente nessa triade. O todo arquitetônico desta edição especial evoca, como princípio constitutivo, a visão de que "um texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, fazendo dado texto comungar no diálogo" (BAKHTIN, 2017b, p. 67). Sendo assim, convidamos os nossos leitores presumidos a fazerem eclodir os sentidos propostos nesta edição. Buscamos "o ser da totalidade, o ser da alma humana, o qual se abre livremente ao nosso ato de conhecimento" (BAKHTIN, 2017b, p. 59) e permite, pelo encontro da palavra do "eu" e do "outro", o diálogo infindo.

## Referências

- BACHTIN, M. M. E IL SUO CIRCOLO. *Opere 1919-1930*. Milano: Bompiani, 2014.
- BAKHTIN, M. *Lendo Razlúka de Púchkin: a voz do outro na poesia lírica*. Tradução do italiano para o português de Marisol Barenco de Mello, Mario Ramos Francisco, Júnior Alan Silus, com Prefácio de Augusto Ponzio. São Carlos: Pedro & João, 2021.
- BAKHTIN, M. *Mikhail Bakhtin em Diálogo*. Conversas de 1973 com Viktor Duvakin [2008]. Apresentação e prefácio de A. Ponzio, "O símbolo e o encontro com o outro na obra de Bakhtin". Tradução do italiano para o português de Daniela Miotello Mondardo. 2. ed. São Carlos: Pedro & João, 2012.
- BAKHTIN, M. *O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940*. Tradução do russo para o italiano de Augusto Ponzio e tradução do Italiano para o português do Brasil de Marisol Barenco de Melo. São Carlos: Pedro & João, 2019.
- BAKHTIN, M. *Teoria do Romance II: As formas do tempo e do cronotopo [1937-1939/1975]*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.
- BAKHTIN, M. A ciência da literatura hoje (Resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*) [1970]. In: *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017a. p. 9-19.
- BAKHTIN, M. Por uma metodologia das ciências humanas [1975]. In: *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017b. p. 57-79.
- BAKHTIN, M. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017c. p. 21-56.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso [1952-1953/1979]. In: *Os gêneros do discurso*. Organização, posfácio, tradução e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 9-69.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal* [1979]. Tradução e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski* [1963]. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a.
- BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável [1920-1924/1986]*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João, 2010b.
- BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* [1965]. Tradução de Yara Grateschi. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1988.
- BRANDIST, C. Repensando o Círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual. Organização e notas de Maria Inês Campos e Rosemary H. Schettini. Tradução de Helenice Gouvea e Resemaru H. Schettini. São Paulo: Contexto, 2012.
- BRANDIST, C. *The Bakhtin Circle: Philosophy, Culture and Politics*. London: Pluto Press, 2002.
- DI FANTI, G., PAULA, L. DE, PONZIO, L. A proposta dialógica do Círculo bakhtiniano. *Letras De Hoje*, Porto Alegre, v. 56, n. 3, p. 395-404, 2021. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.42530>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42530>. Acesso em: 31 dez. 2021.
- DI FANTI, G. Notas sobre alteridade em Bakhtin. In: PASCHOAL, C. et al. (org.). *Círculo de Bakhtin: alteridade, diálogo e dialética*. Porto Alegre: Polifonia, 2020. p. 7-28. Disponível em: [https://issuu.com/editorapolifonia/docs/circulo\\_de\\_bakhtin-\\_alteridade\\_dialogo\\_e\\_dialetic](https://issuu.com/editorapolifonia/docs/circulo_de_bakhtin-_alteridade_dialogo_e_dialetic). Acesso em: 18 dez. 2021.
- GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: Grupo de estudos dos gêneros do discurso - GEGe (org.). *Palavras e contrapalavras: enfrentando questões de metodologia*. São Carlos: Pedro & João, 2012. p. 29-33.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

JAKUBINSKI, L. *Sobre a fala dialogal* [1923]. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha, Suzana Leite Corte. São Paulo: Parábola, 2015.

KONDER, L. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos, v. 23)

MEDVIÉDEV, P. *O método formal nos estudos literários*. Introdução crítica a uma poética sociológica [1928]. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O Marxismo do/no Círculo. In: STAFFUZA, G. (org.). *Slovo: o Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. Curitiba: Appris, 2011. p. 79-98.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 49, n. 2, p. 706-722, 2020a. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691>. Acesso em: 18 dez. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, São Paulo (SP), v. 33, n. 3, p. 105-134, 2020b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171296>. Acesso em: 18 dez. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Filosofia da linguagem bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos – RevDia*, Cuiabá (MT), v. 8, n. 3, p. 132-151, 2020c. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/10039>. Acesso em: 18 dez. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, Cuiabá (MT), v. 27, n. 49, p. 15-46, 2020d. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11366>. Acesso em: 18 dez. 2021.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Língua(gem) e enunciado: uma proposta verbivocovisual da/na filosofia bakhtiniana. In: REZENDE, P.; BRAMBILA, G. (org.). *Percursos em linguística: teorias, abordagens e propostas*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021a. p. 209-234.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. The Verbivocovisual Architectonic of the Stage La Conversione Di Un Cavallo. *Global Journal of Human Social Sciences-A - GJHSS-A*, [S. l.], v. 21, n. 13, p. 1-13, 2021b. Disponível em: [https://globaljournals.org/GJHSS\\_Volume21/E-Journal\\_GJHSS\\_\(A\)\\_Vol\\_21\\_Issue\\_13.pdf](https://globaljournals.org/GJHSS_Volume21/E-Journal_GJHSS_(A)_Vol_21_Issue_13.pdf). Acesso em: 18 dez. 2021.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Coordenação de tradução de Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.

PONZIO, A. Prefácio. In: BAKHTIN, M. *Mikhail Bakhtin em Diálogo*. Conversas de 1973 com Viktor Duvakin [2008]. Tradução do italiano para o português de Daniela Miotello Mondardo. 2. ed. São Carlos: Pedro & João, 2012, p. 9-20.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral* [1916]. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

VOLÓCHINOV, V. *Palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a.

VOLÓCHINOV, V. Estilística do discurso literário III: A palavra e sua função social [1930]. In: *Palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. p. 306-336.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* [1929]. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. *A Construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. Edição e supervisão da tradução de Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

---

### Luciane de Paula

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Araraquara, SP, Brasil. Professora da Universidade Estadual Paulista (UNESP), lotada no Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação (DELLE), da FCL Assis – SP, credenciada no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCL Araraquara – SP e do Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras.

---

### Glória Di Fanti

Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), em São Paulo, SP, Brasil. Professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGL/PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

---

### Luciano Ponzio

Doutor em "Scienze letterarie, filologiche, linguistiche e glottodidattiche". Pesquisador RTI e Professor Titular das disciplinas "Semiotica del testo" (desde 2004) e "Semiotica del cinema" (desde 2017) na "Facoltà di Lettere e Filosofia, Lingue e Beni Culturali" do Dipartimento di Studi Umanistici, na Università del Salento, Lecce (Itália). Por unanimidade obteve duas Abilitazioni Scientifiche Nazionali (ASN) de Professor Associado na área de "Estética e Filosofia dei Linguaggi", nos anos 2012 e 2016.

---

### **Cristiano Paschoal**

Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa pela Faculdade Unyleya (2020). Graduado em Licenciatura em Português, Espanhol e Respektivas Literaturas pela Universidade de Santa Cruz do Sul / UNISC (2018). Doutorando em Letras / Linguística, vinculado à linha de pesquisa Teorias e Usos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), atuando como bolsista CNPq.

---

### **Endereço para correspondência**

Glória Di Fanti

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Av. Ipiranga, 6681, Prédio 8

Partenon, 97010-082

Porto Alegre, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*